

CENÁRIOS PARA PENSAR A COMUNICAÇÃO FRONTEIRIÇA: URUGUAIANA-LIBRES E LIVRAMENTO-RIVERA

Karla Maria Müller¹

Resumo

O *paper* visa trazer ao debate questões relativas ao tema Comunicação de Fronteira. Possui como foco central a reflexão sobre conceitos fundantes como *fronteira* e *integração*, buscando colaborar com a análise e a compreensão dos processos comunicacionais que se desenrolam em cidades limítrofes entre o Brasil e países vizinhos do Cone Sul. A proposta aqui trazida é de mostrar como, nos espaços por onde passa a linha divisória, os campos sociais se entrelaçam, construindo um ambiente onde acertos e conflitos realizam movimentos que perpassam o local-internacional, acionando mecanismos que definem e reforçam a condição fronteiriça.

Palavras-chave: comunicação, fronteira, integração.

Espaços de divisa entre países e de contato entre nações configuram-se em peculiares, trazendo consigo especificidades dignas de análise. O caso da cidade de Uruguaiana, no Brasil e Paso de Los Libres, na Argentina, separadas apenas por uma ponte, e de Santana do Livramento, localizada do lado brasileiro, e Rivera, do lado uruguaio, separadas apenas por uma rua, apontam para questões que envolvem os processos comunicativos carregados de singularidade, onde o local e o internacional estão lado a lado, compondo um mesmo ambiente, o de fronteira.

Em um mundo globalizado, as trocas se estabelecem de formas diversificadas. Os contatos interpessoais permanecem vivos e fortes, mas são permeados pelas possibilidades que as inovações tecnológicas oferecem, refletindo-se em novos modos de socialização, mediados pelos veículos de comunicação. Nesta esfera, as relações se dão *nos* e *através* dos

¹ Professora Assistente do Departamento de Comunicação - FABICO/ UFRGS, Mestre em Comunicação pela PUCRS, Doutoranda em Ciências da Comunicação pela UNISINOS.

entrelaçamentos dos campos sociais, distintos e variáveis de acordo com o contexto onde se inserem.

As comunidades de Uruguaiana-Paso de Los Libres e Santana do Livramento-Rivera possuem vínculos culturais, favorecidos pela região banhada pelo Rio da Prata. O hábito de tomar chimarrão e comer churrasco, fortemente cultivado pela população fronteiriça, está entre os aspectos culturais que se transformaram em amarras de união e de interseção, reforçadas pelas músicas e danças gauchescas e pelos laços de família, que, nas idas e vindas dos habitantes dessas cidades, e com o passar dos tempos, criaram-se e intensificaram-se naqueles espaços. Movimentos de guerras e disputas por terras também tiveram papel preponderante no que se refere à interação, pois na medida em que as diferenças eram exaltadas, os grupos que circulavam pelo território fronteiriço forçosamente se relacionavam e interagiam deixando suas marcas no “outro”.

As flutuações monetárias, que ora beneficiam os moradores de um lado da fronteira, ora os do outro, tornam o espaço propício ao comércio de produtos fabricados nos países envolvidos, estimulando também a comercialização de mercadorias provenientes de outras partes do mundo, como da China e de Taiwan. O comércio é um dos motivos pelos quais as regiões fronteiriças atraem estrangeiros, caracterizando-se como espaço multicultural. Entre os imigrantes que lá se instalaram, encontram-se entre outros, os sírios, libaneses e palestinos, famosos pelo seu tino comercial. A presença de comunidades palestinas é visível tanto do lado brasileiro como do argentino e do uruguaio.

Em Uruguaiana e Livramento², o comércio direcionado aos moradores que habitam o “outro lado da linha divisória” está praticamente nas mãos destes grupos de estrangeiros, que, além de manter seus costumes, ocupam brechas, inserindo-se na comunidade local, abrindo espaços e obtendo visibilidade na sociedade. Sua atividade não se limita ao comércio; trabalham como advogados, médicos, dentistas. Atuam como políticos, empresários, nos meios de comunicação, na literatura, enfim, nas mais variadas áreas. No Rio Grande do Sul a presença dos árabes é bastante forte³ e, com seu espírito empreendedor, estimulam o crescimento dos municípios situados nas linhas divisórias dos territórios nacionais.

² Como também é chamada a cidade de Santana do Livramento.

³ Segundo dados apresentados em programa veiculado na RBS TV – Mundo Grande do Sul (de 28 de abril de 2001, às 12h 30min) - cerca de 60.000 árabes habitam o território do Rio Grande do Sul, a grande maioria nos municípios fronteiriços. No século XIX vieram os sírios e libaneses e no século XX o predomínio foi de imigrantes palestinos.

Fronteiras vivas

A fronteira gaúcha com os países vizinhos de colonização hispânica constitui-se em espaço diferenciado. As trocas estabelecidas se dão continuamente, em nível pessoal e em várias esferas como a comercial, cultural etc., fazendo com que se repense o conceito de fronteira, de modo a compreender os movimentos ali realizados.

Muito embora existam semelhanças entre as duas áreas de fronteira selecionadas para a análise, há elementos peculiares a cada uma delas. Até mesmo porque, em um dos espaços de fronteira, a divisa do Brasil se dá com a Argentina em outro com o Uruguai. E, por mais que estejam carregadas de traços similares, as identidades nacionais são diferentes e as relações entre elas se dão de forma peculiar, merecendo atenção em separado.

Se levarmos em conta o caso de Uruguaiana-Libres⁴, temos ali um acidente geográfico que pode ser identificado como *fronteira-barreira*. Entretanto, há muito tempo, este tipo de elemento não se configura como um limitador. Com os avanços tecnológicos, passou a ser possível a transposição desta barreira através da construção de pontes e dos laços criados pelo homem, que estabelecem a ligação permanente entre duas cidades. Assim, o fluxo de pessoas, mercadorias e veículos passou a ser uma constante. Vale ressaltar que, no exemplo aqui analisado, diferente do que ocorre no espaço do Mediterrâneo⁵, onde o limite é o horizonte das águas, em Uruguaiana-Libres é visível o território que pertence a um país e as terras que fazem parte do outro. As margens do rio deixam pairar o sentimento de bloqueio, de limite. No entanto, nem assim o homem se sente acuado, e, na tentativa de novas conquistas, por idéias expansionistas e pela busca do convívio com o semelhante, vê-se motivado a superar os desafios que a natureza lhe impôs, criando alternativas que possibilitem aproximações.

Alguns aportes funcionam como guias para compreender o avanço do conceito de fronteira. Entre eles, pode-se citar: o de *fronteiras-zonas*, constituídas na organização do espaço pelo homem e caracterizadas por extensas áreas inabitadas, como florestas e montanhas; o de *fronteiras-faixas*, apresentando a fronteira como muralhas e muros; e o de *fronteiras-linhas*, demarcações que podem dividir organizações de grupos humanos em

⁴ Como também é chamada a cidade argentina.

⁵ *El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II*, escrito há mais de 50 anos pelo historiador Fernand Braudel (1992) e com várias edições em diversos idiomas, é um dos estudos mais curiosos e ricos sobre fronteiras.

qualquer escala. É assim possível afirmar que: “as relações internacionais são redimensionadas e, conseqüentemente, vai mudando rápida e progressivamente o conceito tradicional de fronteira, e as organizações espaciais vão se tornando cada vez mais internacionalizadas” (Lehnen; Jacobs; Copstein; Gonçalves, 1990: 162).

Já o conceito de *zonas de fronteira*, proposto por Sarquis, é um pouco mais condizente com a realidade em questão. De acordo com o autor, elas se constituem em “amplas franjas territoriais de um lado e de outro das linhas de demarcação geográfico-políticas, no qual convivem populações com particularidades próprias que as diferenciam de outras partes dos territórios nacionais” (1996: 60).

O que ocorre em lugares como Uruguiana-Libres e, principalmente, em Livramento-Rivera é o que Ituriza, citado por Padrós (1994: 69), denomina de *fronteiras-vivas*, permeáveis, de tensão ou de acumulação. São zonas isoladas e afastadas dos centros dinâmicos nacionais, com escasso e desigual desenvolvimento econômico com relação ao país a que pertencem, sem autonomia para tomar decisões locais, mas que têm recursos naturais pouco explorados e pouco conhecidos. Possuem deficientes vias de comunicação e acesso e estão próximas de áreas de países vizinhos de conformação humana e geográfica semelhantes.

Nestes espaços inexistem, com frequência, *fronteiras-barreiras* já que a ação e interação dos agentes fronteiriços, estimula dinâmicas específicas e informais. É indiscutível que os enlaces que ocorrem entre os pontos de contatos, entre os países do extremo sul da América Latina, em especial os urbanos, propiciam interações. No entanto, cabe discutir se é correto afirmar que as relações ali estabelecidas configuram-se efetivamente como de integração.

O direcionamento do mundo para a criação e o fortalecimentos de blocos econômicos é inevitável. Questões de diversas naturezas passam a ser pensadas sob o ponto de vista econômico e financeiro e de forma global, ultrapassando os poderes dos Estados Nacionais. Conforme explica Ianni: “... surge uma transformação quantitativa e qualitativa do capitalismo além de todas as fronteiras, subsumindo formal ou informalmente todas as outras formas de organização social e técnica do trabalho, da produção e reprodução ampliada do capital. Toda economia nacional, seja qual for, torna-se província da economia global. O modo capitalista de produção entra em uma época propriamente global” (1996: 17).

No caso do Mercado Comum do Sul - Mercosul, o discurso integracionista é forte e acompanha o fenômeno que se dá há décadas em nível mundial, mas, como nos demais blocos econômicos, está basicamente pautado em acordos referentes ao mercado. Se a idéia é alcançar êxito em um processo que busque a integração entre os povos, fortes alterações deverão ocorrer, como a criação de um organismo supranacional, com poder e legitimidade popular, que coordene, em um primeiro momento, a reforma das estruturas econômicas, políticas e financeiras, assim como aconteceu no continente europeu⁶. De acordo com Ginesta, a União Européia é “regida por instituições supranacionais, com um direito comunitário supranacional com primazia sobre o direito nacional, de aplicação obrigatória e normas nacionais harmonizadas em muitos aspectos, políticas econômicas comuns e um propósito comunitário para levá-las a cabo” (1999: 41).

Os avanços devem ser processados em mais de uma matriz, que não só a pautada pelos acertos econômicos, envolvendo acordos também na área social, cultural, de modo a se configurar como um verdadeiro processo de integração, como conceitua Padrós: “A idéia de integração refere-se a uma projeção que visa maximizar potencialidades e recursos dos países envolvidos, que passam a fazer parte de uma unidade dimensionalmente ampliada. Não se trata simplesmente de um somatório de possibilidades, mas da criação de um novo espaço de interação e negociação.(...) Por outro lado, integrar não deve significar perda de identidade nacional, e sim, contato com outras identidades nacionais” (1994: 66).

A integração passa a ser o resultado de uma negociação equilibrada e depende da existência de uma vontade política de todos os envolvidos. E, neste aspecto, a vida na fronteira torna-se uma peça chave que pode auxiliar na composição de uma mudança que leve à efetivação da existência de um elemento novo, integrado de fato e de direito.

Espaços de comunicação e integração

Pelo distanciamento que as zonas fronteiriças aqui destacadas, têm do contexto nacional do qual fazem parte, constituem-se em espaços periféricos, margens, bordas de um todo. O Brasil e a Argentina são países com grandes dimensões onde os espaços de fronteira

⁶ Na Europa, está estruturado um dos blocos econômicos mundiais melhor organizados: a União Européia, composta por cerca de 12 países. Denominada como Comunidade Econômica Européia por 20 anos, transformou-se em União Européia em 1992, tendo em vista uma integração mais abrangente e dirigindo-se a outras instâncias além das econômicas e das comerciais.

estão a quilômetros de distância do governo central, dos pólos de tomada de decisões da vida nacional. No caso do Uruguai, se subdividirmos o país, perceberemos que suas fronteiras estão proporcionalmente mais próximas do governo federal, diferente dos outros dois países. Tal fato, no entanto, não impede que a vida do homem da região da fronteira, que habita as áreas limítrofes entre os três territórios citados, apresente semelhanças.

Utilizando-se ainda dos conceitos de Padrós, pode-se afirmar que este homem fronteiriço possui uma mentalidade própria à integração pois, para ele, "as noções de espaço e nacionalidade muitas vezes são tão abstratas quanto a idéia da existência de uma linha demarcatória que o separa 'do outro país'. A fronteira integracionista não resulta de uma ação planejada, pois é anterior a isso. (...) As *fronteiras vivas*, aquelas caracterizadas por uma presença demográfica relativamente importante e por uma estrutura social complexa, manifestam uma integração informal que sobrevive às conjunturas políticas de fechamento e de corte" (1994: 76).

Correntes migratórias que, desde a época da colonização, direcionaram-se para áreas como as aqui citadas, instalaram-se sobre um extenso território cujas bases eram de populações aborígenes. As trocas e o trânsito na região do Prata ocorrem desde os primeiros povos que habitaram aquele espaço. Os momentos de tensão sempre estiveram presentes, mais fortes em determinadas épocas, mas, até mesmo por meio destes movimentos sociais, os intercâmbios foram estimulados e as trocas ampliadas.

O distanciamento das áreas mais desenvolvidas, onde os centros decisórios nacionais estão instalados, e a preocupação em resolver os problemas locais levaram o homem da região a criar mecanismos para resolver suas dificuldades, estimulando interações entre os povos de ambos os lados da fronteira. Exemplos disto podem ser encontrados em diversos setores da sociedade de Uruguiana -Paso de Los Libres e de Santana do Livramento-Rivera.

Os habitantes destas cidades não se sentiram impedidos de trocar relações pelo fato de serem componentes de nações distintas. Indiferentes a isto, interagiram e constituíram espaços comuns próprios, com configurações peculiares. Invadiram terras internacionais, trocando informações, produtos, relações, configurando um novo espaço, criando normas e articulações definidas para atender as suas necessidades, chegando em muitos casos a transgredir determinações provenientes de instâncias de poder situadas em círculos distantes, áreas externas à região fronteiriça.

As condições de vida da população de Paso de Los Libres são bem piores do que as dos moradores de Uruguaiana. A cidade argentina, situada na Província de Corrientes, cuja capital recebe o mesmo nome, está empobrecida, com aparência de abandono. Localizada no nordeste da Argentina, é considerada uma das regiões mais pobres do País. A Província está falida e acumulou uma dívida interna maior do que a dívida externa do Paraguai. Sua administração sofreu intervenção do governo federal argentino que designou um representante para pôr fim à crise financeira vivida pela Província. Uma das medidas adotadas pelos governantes de Corrientes no ano de 2000 foi a criação de uma moeda denominada Certificación de Obligaciones de la Província de Corrientes – CECACOR, um bônus destinado a pagar o funcionalismo público que estava com seus salários atrasados. Os correntinos, como são chamados os habitantes da Província, compram muitos produtos em Uruguaiana, como gêneros alimentícios, vestuário, combustível etc. Devido ao comércio intenso entre os moradores dos dois municípios, os comerciantes do lado brasileiro viram-se obrigados a aceitar a moeda instituída na cidade vizinha.

Procedimentos como este tornam-se condição de sobrevivência para os habitantes de ambos os lados, pois só assim é possível manter as vendas em um patamar mínimo, garantindo a sobrevivência do comerciante brasileiro e atendendo a população argentina que se desloca para Uruguaiana com o objetivo de adquirir bens de consumo, cujos preços estão bem mais altos no território argentino.

Ao observar-se o cotidiano desta comunidade fronteiriça, constata-se que os relatos dos uruguaienses a respeito dos moradores do país vizinho não são nada cordiais. Todos, pelo menos do lado brasileiro, quando solicitados a falar sobre as relações entre os dois povos, ressaltam as rivalidades nascidas das discórdias no período colonial, quando as disputas se davam em nível das cortes de Portugal e Espanha. Esquecem-se de momentos, como o movimento pela Retomada de Uruguaiana, quando acordos de união e fortalecimento foram firmados entre os governos e habitantes dos territórios brasileiro, uruguaio e argentino.

Por sua geografia plana, Uruguaiana é uma cidade esparramada. Um dos seus principais limites é o rio Uruguai, cuja Ponte da Integração permite o fácil, embora nem sempre livre, acesso à Argentina. Aos olhos de um visitante, a impressão que paira é a de que a cidade está de costas para o país vizinho, voltando-se para o Brasil e guarnecendo a fronteira do inimigo, como ocorria nos tempos do Brasil Colônia ou no início da República, época em

que as milícias privadas dos estancieiros eram convocadas pelo governo central a resguardar a fronteira, evitando uma possível invasão. No entanto, após uma observação mais minuciosa, verifica-se a presença constante de moradores de Libres em Uruguiana e vice-versa.

O trânsito de pessoas de um lado ao outro é permanente. Os laços familiares entre brasileiros e argentinos estão presentes, embora, de acordo com a Constituição argentina, não seja aceito o direito de dupla cidadania. Na prática, a condição de ser cidadão brasileiro ou cidadão argentino pouco interfere no cotidiano dos moradores da região. Da mesma forma, quebrando barreiras, verifica-se a promoção de eventos culturais e esportivos que buscam estimular a interação entre os dois povos fronteiriços, incluindo muitas vezes a participação de uruguaios, vizinhos próximos.

Diferente de Uruguiana-Libres, não há acidente geográfico que separe Livramento-Rivera, muito embora isso poderia ter ocorrido devido à presença das coxilhas. O marco divisório geopolítico corre ao longo de uma rua, sinalizado por pequenas estruturas de concreto ou por um muro baixo, feito de colunas e hoje imperceptível, pois ao seu redor estão instaladas, de ambos os lados, bancas de camelôs. Este traço divisório tem como espaço privilegiado a Praça Internacional (ou Parque Internacional, como também é chamado) cortada pela linha limítrofe entre as duas cidades. Neste passeio público, as pessoas transitam naturalmente sem que a separação seja contundente. Em cada um dos lados da praça, policiais brasileiros e uruguaios se fazem presentes, mas mesmo vestindo uniformes que identificam as nacionalidades diferentes e desempenhando a função de guardiões da fronteira, eles mais parecem estar preocupados em preservar o patrimônio público, ali comum.

A primeira impressão é de que Santana do Livramento-Rivera, estão abraçadas. O município uruaio tem mais importância para seu país, já que é capital do Departamento de Rivera, mas isto faz pouca diferença para as cidades irmãs/hermanas. O relevo da região onde se localizam é um pouco acidentado, tornando possível visualizar a cidade vizinha do alto de prédios ou de pontos geográficos um pouco mais elevados, dando a sensação de que as construções fundem-se no ambiente, demonstrando que estas constituem uma mesma comunidade. O trânsito de pessoas e de mercadorias se dá normalmente, confundindo um observador desavisado. O fácil acesso de um lado para o outro causa indiferença nas idas e vindas dos habitantes locais. Diariamente, brasileiros e uruguaios misturam-se nas calçadas, nos estabelecimentos comerciais e nas empresas de ambos os lados da rua. Muitos deles desfrutam, inclusive, de dupla cidadania (*doble chapa*, como são chamados), pois seus pais ou

avós possuem nacionalidade brasileira ou uruguaia. Há ainda trabalhadores que têm a Carteira Profissional Número Quatro, como eles mesmos dizem, que permite ao cidadão uruguaio trabalhar legalmente em Livramento.

Como ressaltam, tanto os brasileiros como os uruguaio, a compreensão do que ali ocorre só pode se dar a partir da união das duas cidades. O desenvolvimento delas só foi, e continua sendo, possível graças a ações conjuntas, onde as deficiências de uma são sanadas pela outra.

Mesmo assim questões envolvendo a identidade afloram. Nos dois casos, a lusitanidade e a hispanidade, presentes no período do descobrimento, conquista e colonização latino-americana, deixaram suas marcas, como a língua, que também acabou por absorver influências. Com o passar dos tempos, após tantas disputas entre forças nacionais e regionais, criou-se um território diferenciado, como é comum aos espaços de fronteira (Guazzelli, 1997), onde se desenvolveu uma cultura particular, tendo como um dos elementos constitutivos a língua, denominada nessas localidades como “portunhol”, ou mais especificamente ainda, como o “gauchês”, diferenciado em cada um dos pontos de contato entre os países vizinhos.

Acertos e conflitos que integram

Em Livramento-Rivera, as articulações estabelecidas entre seus moradores abrangem vários aspectos, e acordos vão sendo firmados, sem o menor constrangimento, entre os municípios, principalmente através das instituições. Em algumas situações, as autoridades representativas dos órgãos oficiais em nível nacional e estadual vêm-se obrigadas a “fecharem os olhos”, não por estarem coniventes com o desrespeito às leis, mas pelo fato de conhecerem a realidade local, compreendendo o quanto os acertos informais são vitais para o desenvolvimento da comunidade fronteiriça.

O próprio conceito de fronteira é empregado de modo diferenciado por quem não é morador de um desses espaços e pelos habitantes do local. Para quem vive nestes lugares, a linha divisória é tênue e não passa necessariamente pela demarcação geopolítica. Eles se dizem “da fronteira”, incluindo-se em uma área diferenciada e ampla, e deixam para regiões mais distantes, além das zonas urbanas, a responsabilidade pelos contornos nacionais.

Em alguns momentos, aguçam-se as diferenças, com demonstrações de defesa de uma identidade que re-liga os habitantes de Livramento-Rivera às suas distintas nações. É o que

ocorre, por exemplo, nas disputas futebolísticas entre times do Brasil e do Uruguai. O policiamento local vê-se obrigado a fechar as principais passagens das ruas que unem uma cidade a outra, de modo a evitar confrontos entre os torcedores mais ferrenhos. Mas até mesmo estes confrontos servem para demonstrar como o que se passa ali é um processo interativo, onde torcedores do Brasil são mais numerosos de um lado e torcedores do Uruguai são mais numerosos de outro. Em que outros espaços esta rivalidade ficaria tão manifesta e controlada ao mesmo tempo? Se por um lado cada um quer demonstrar a superioridade de seu país a partir das equipes de futebol, por outro é o lugar onde este tipo de manifestação pode ocorrer sem que os desfechos sejam negativos. Na verdade, são irmãos/hermanos que se encontram para confraternizar, para ressaltar as diferenças, reforçando o respeito ao outro, chegando a unirem-se quando o “inimigo” é um elemento estranho aos dois.

Já em Uruguiana e Paso de Los Libres há mais resistência com relação aos acertos, mas eles são inevitáveis. O que se verifica na fronteira entre esses dois municípios é que, por Uruguiana ser considerada como um grande Porto Seco, conflitos ligados ao transporte de cargas por caminhões do Brasil para a Argentina e para os outros países do Cone Sul, têm seu desfecho ali, envolvendo as duas aduanas, hoje unificadas. As tensões ocorridas naquela zona de fronteira são resultado de problemas existentes nas políticas nacionais dos governos dos países envolvidos, refletidas nos acordos de ordem internacional sobre exportação e importação de produtos. Nestes municípios os choques são mais frequentes e também ocorrem sempre que há um enfrentamento entre times brasileiros e argentinos. Segundo depoimentos de uruguianenses, a polícia do país vizinho é bem rígida quando um brasileiro está envolvido em um incidente "do lado de lá". Até mesmo quando se trata de questões relativas ao rio Uruguai, a Guarda Costeira Argentina é severa com os brasileiros que cometem infrações, como passar para as águas argentinas, chegando a prendê-los, deixando-os incomunicáveis.

O mesmo ocorre quando acontecem choques entre automóveis dirigidos por brasileiros em Libres. Há dificuldades para retirar o veículo e a autuação é lavrada na hora com a exigência do pagamento da multa naquele instante e com moeda argentina. Estes são exemplos citados pelos habitantes locais, de situações de conflito. Tal relacionamento, onde as diferenças na legislação de cada país são ressaltadas, não deixa de demonstrar que há uma interação permanente entre as partes envolvidas e, na verdade, o que mais contribui para os

desacertos são as decisões tomadas em nível nacional, por governos centrais, que ignoram a situação peculiar dos espaços fronteiriços.

Para combater tais divergências, movimentos são criados com o intuito de aproximar a comunidade fronteiriça. Um deles é a Comissão Binacional de Meio Ambiente, instituição fundada por moradores de Uruguai e Paso de Los Libres, preocupados com a preservação ambiental. A organização elege a cada dois anos seu presidente, sendo o cargo ocupado de forma alternada por brasileiros e argentinos. A sede de atuação da entidade não é fixa e desloca-se para a cidade da qual o dirigente é originário, Uruguai ou Libres.

As batalhas que a Comissão trava em favor do ambientalismo fazem com que seus membros recorram aos governos municipais, estaduais e federais, com o objetivo de transpor barreiras administrativas, políticas e de legislação em prol do meio ambiente e da comunidade local. As questões relativas a mananciais de água são as mais importantes para a instituição, pois há na região um grande lençol freático⁷, que se estende por uma área que abrange os quatro países do Mercosul.

Situações semelhantes ocorrem em Livramento-Rivera. Nestas cidades, uma entidade de cunho não-governamental, presente em vários países dos cinco continentes, e que tem como objetivo trabalhar com jovens e crianças, nas áreas de educação, esporte e lazer, recebe uma denominação bem peculiar. A ACM/ACJ Fronteira (Associação Cristã de Moços/Asociación Cristiana de Jovenes) atua nas duas cidades e conta com o apoio de voluntários brasileiros e uruguaios. Indiferentes à linha divisória entre os dois países, as lideranças locais somam esforços e enfrentam dificuldades até mesmo para que em suas sedes regionais, situadas em Porto Alegre e Montevidéu, compreendam as situações vividas na fronteira.

Quando da prestação de contas, a ACM/ACJ Fronteira apresenta os resultados nas três moedas correntes em Livramento-Rivera: o real, o peso e o dólar. Os administradores, distantes da comunidade fronteiriça, têm dificuldades em aceitar a realidade, que é informada pelos coordenadores locais.

Da mesma forma, colaboradores de ambos os lados da divisa não medem esforços, buscando ultrapassar os empecilhos decorrentes das leis municipais, estaduais e nacionais que causam entraves para projetos que são direcionados aos habitantes do lado brasileiro e do

⁷ A discussão sobre o tema é importante não só para a comunidade fronteiriça local já que este lençol pode garantir o abastecimento de água para 150 milhões de pessoas num período de 2.500 anos.

uruguaio, firmando convênios e acordos que possam atender à comunidade local indiscriminadamente.

Estados que se propõem integracionistas deveriam dar prioridade nas suas análises ao agente local fronteiriço, pois sua vivência pode auxiliar na compreensão do que venha a ser de fato e de direito um processo de integração. Segundo Fedatto, "o processo de integração, visando a uma sociedade mundializada, devia começar na fronteira, onde seus habitantes já aprenderam o respeito pelo outro" (1996: 117), e onde as instituições passam a ser denominadas pelo habitante da região como fronteiriças, ultrapassando a concepção de binacional ou transnacional.

Movimentos realizados

O campo empírico escolhido, fronteira entre Brasil-Argentina e Brasil-Uruguai, consiste num recorte espacial, palco de manifestações de intersubjetividades. No caso em pauta, trata-se de levantar pistas que possam auxiliar na reflexão sobre como a fronteira, elemento definido geopoliticamente, interfere nos processos comunicacionais ali desenvolvidos.

No trabalho de campo, foram comprovadas as particularidades decorrentes de situações específicas por tudo o que representa um ambiente fronteiriço, com hábitos, costumes e processos onde os campos se entrelaçam, configurando-se em uma experiência única. Diferente das dos grandes centros urbanos e assumindo posicionamentos interioranos, a fronteira possui características muito próprias a um espaço marginal, visto algumas vezes como área de limite e outras, como inferior, distante dos centros de decisão.

A busca por informações que auxiliassem na construção da realidade cotidiana foi realizada. Consultas a documentos que relatam os movimentos que se desenrolaram naqueles espaços fronteiriço tornaram-se fundamentais. Mas, para trazer o momento atual à cena, o ponto de partida ficou centrado na mídia impressa local das cidades de Uruguiana e Santana do Livramento. Jornais de Paso de Los Libres e Rivera também fazem parte da análise, mas como elementos complementares.

Um jornal impresso de cada um dos municípios brasileiros em questão, os mais representativos na comunidade, pelo tempo em que estão em circulação - um há mais de 60 anos e outro há mais de 20 anos - foram definidos como pontos referenciais. A partir destas

escolhas, a observação junto a essas indústrias culturais, enriqueceu a composição que define o perfil dessas organizações, sua estruturação e mecanismos de funcionamento. As rotinas de produção dos jornais passaram a ser acompanhadas em visitas mensais à fronteira durante o segundo semestre de 2000. O contato e o acompanhamento da produção de notícias têm permitido construir um panorama geral sobre a participação do jornal impresso local na vida da comunidade e o modo como ele espelha a sociedade, apresenta os movimentos em curso, ou chama temas ao debate na comunidade.

Pessoas consideradas fonte de informação foram entrevistadas, a maioria delas representantes de instituições das áreas da política, polícia, economia e cultura. A intenção com esta busca era de ampliar as ferramentas para interpretar como a mídia se articula com as instituições e os grupos. Por outro lado, mas também para construir o mosaico, foram entrevistados assinantes dos jornais que enviam material solicitando sua publicação, renovam a assinatura espontaneamente e reclamam quando o veículo não é entregue. Ou seja, leitores que dão à mídia local um papel de destaque nas suas vidas, aguardando, a cada dia, as notícias sobre os acontecimentos e os moradores da comunidade. São também indivíduos que vêm nesses meios de comunicação um canal aberto para expressar seus posicionamentos, dando à mídia a incumbência de ser o veículo de divulgação de suas idéias e proposições, referentes aos fatos que se desenrolam naquele ambiente. Depositam no jornal local a atribuição de levar aos habitantes dali as informações de interesse da comunidade, servindo esse como porta-voz do pensamento dos líderes de opinião da coletividade, que, por sua vez, também indicam temas a serem agendados, abrindo ao veículo a possibilidade de definir como abordá-los, que atores chamar e como estes farão parte das cenas.

As entrevistas se configuraram em conversas informais para que cada morador consultado deixasse transparecer sua visão de como a presença da fronteira afeta as relações estabelecidas no ambiente local, como se dão as trocas entre brasileiros-argentinos e entre brasileiros-uruguayos, mais especificamente entre gaúchos-correntinos e gaúchos-riverenses. Como vêm o outro e qual a percepção que têm sobre as diferenças do outro e os limites entre os territórios de cada país envolvido. As linhas divisórias ali demarcadas são *fronteiras-vivas*, as relações entre os povos são dinâmicas, as interações são constantes, são várias as formas de cooperação e entrelaçamento entre os campos sociais presentes, reforçando um processo de comunicação e integração.

As marcas desta cultura diferenciada estão presentes nas ações, nas manifestações, gestos, falas, no discurso fronteiriço. Expressões são criadas ou absorvidas pelos habitantes locais, utilizadas e compreendidas por eles como códigos decifráveis e aceitos pelo grupo, intensificando os intercâmbios e fortalecendo os valores ali consagrados como de fronteira. Como diz o homem fronteiriço de Livramento-Rivera, mesclando o espanhol e o português, ali existe uma “calle de doble vía”, uma praça com marcos que separam-unem dois países, duas nacionalidades, duas línguas e três culturas, uma delas comum a ambos os lados (a brasileira, a uruguaia e a fronteiriça, esta a da integração)⁸.

As necessidades de um lado são sanadas pela participação do outro, as brechas de um são preenchidas pela ação do outro de modo a se complementarem e se apoiarem mutuamente, desenhando um ambiente diferenciado. As bordas naquelas localidades são ultrapassadas. Tornaram-se, graças à ação do próprio homem, porosas, onde os limites impostos a partir de definições provenientes dos centros de decisão são distantes e, muitas vezes, elaboradas por desconhecedores da realidade dos povos que habitam regiões limítrofes dos territórios nacionais. As interações estabelecidas nas cidades observadas, ocorrem de forma normal e constante, e através de diversos pontos que não só os definidos pelo mercado mas também no âmbito midiático, cultural, social, esportivo, político, religioso e até mesmo militar.

A idéia que move a continuidade do estudo sobre comunicação de fronteira, além de prosseguir com as observações do ambiente, é de analisar os textos trazidos pelos jornais locais que trazem impresso nas suas páginas o português, o espanhol, o portunhol ou gauchês. A tentativa gira em torno de estruturar um quadro final, embora parcial, do que representa a presença da fronteira em processos comunicacionais onde a mídia é elemento constitutivo e onde as questões local-internacional exigem tratamento delicado de modo a evitar ou minimizar a desagregação.

Referências bibliográficas

BRAUDEL, Fernand. *El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II*. 2 vols. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

⁸ Palavras do jornalista uruguaio Carlos María Lima Sosa no I Encontro Internacional de Comunicação Sem Fronteiras: Diálogo das Culturas ;Promoção do Instituto Alberto André/ ARI, em Livramento, abril/2001.

GINESTA, Jacques. *El mercosur y su contexto regional e internacional*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

FEDATTO, Nilce Aparecida da S.F. Educação/ cultura/ fronteira: um estudo do processo educativo-cultural na fronteira Brasil-Paraguai. In: TRINDADE, Aldema Menine; BEHARES, Luis Ernesto (orgs.). *Fronteiras, educação, integração*. Santa Maria: Pallotti, 1996.

GUZZELLI, César A. Barcellos. *O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História Social. Rio de Janeiro: IFCS/ UFRJ, 1997.

IANNI, Octávio. *Teorias da globalização*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

LEHNEM, Arno Carlos; JACOBS, Casimiro Medeiros; COPSTEIN, Gisela; GONÇALVES, Jussara Maria Siqueira. O espaço fronteira Brasil-Uruguaí. In: *Temas da integração latino americana*. Petrópolis: Vozes, 1990.

PADRÓS, Enrique Serra. Fronteiras e integração fronteiriça: elementos para uma abordagem conceitual. In: *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais*. Vol. 17, n.º 1/ 2, Jan/Fev, Porto Alegre, 1994.

SARQUIS, Patrícia. La educación en zonas de frontera: síntese de investigaciones realizadas en Argentina. In: TRINDADE, Aldema Menine; BEHARES, Luis Ernesto (orgs.). *Fronteiras, educação, integração*. Santa Maria: Pallotti, 1996.